

Reavivemos o rosto mariano do Instituto

Queridas irmãs,

a escolha do tema desta circular vem de dois motivos: o primeiro se refere à *Festa da Gratidão Mundial*, que se celebra em Assunção (Paraguai). A proposta do tema e do lema, que nos foi oferecida, envolveu numerosas pessoas no mundo todo, tornando mais sólida a nossa realidade de *família* unida por valores da espiritualidade salesiana e para além dos confins geográficos, das culturas e das tradições peculiares.

Desejo expressar aqui uma gratidão profunda a cada uma de vocês, às comunidades educativas, às jovens e aos jovens, a cada pessoa, por ter acolhido esta proposta de coração aberto. Obrigada também pelos numerosos sinais de solidariedade que já chegaram a mim. Eles servirão para a construção de uma obra em San Lorenzo (Paraguai), espaço onde os jovens poderão se encontrar, e para outras necessidades urgentes do Instituto.

O segundo motivo é a celebração dos *150 anos da consagração da Basílica de Maria Auxiliadora* em Turim, já lembrado na circular de conjunto nº 976. Os 150 anos são para nós, não só um evento histórico, mas um apelo para fazer resplandecer de nova luz aquele monumento vivo de agradecimento a Maria, levantado por Dom Bosco na Igreja. Se na circular anterior o acento foi colocado na construção daquele templo que é a Basílica de Maria Auxiliadora, agora quero colocar em maior evidência a realidade do *monumento vivo* que é o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. É bonito redescobrir a graça de sermos *memória viva* de Maria, vivermos o estilo de Maria como comunidades, empenhadas no expressar hoje “o inédito de sua vida” e transmitirmos a certeza de sua presença de Mãe junto às jovens gerações (cf *Projeto Formativo. Nos sulcos da Aliança, pag.31*). Reavivar o rosto mariano do Instituto é testemunhar que o monumento vivente da Auxiliadora está vivo e dinâmico; é tornar-nos disponíveis a escrever cada dia um pedaço de história com as jovens e os jovens, porque somente com eles o canto do Magnificat fica completo e brilha com a beleza típica do carisma salesiano.

Monumento vivo para expressar o reconhecimento a Maria

Para ser monumento vivo de agradecimento a Maria é preciso sermos “verdadeiras imagens de Maria”, como exortava Me. Mazzarello (cf *Cronistoria III, 173*), isto é, reproduzirmos em nós a imagem de Nossa Senhora, vivendo em plenitude a nossa identidade de Filhas de Maria Auxiliadora. Quanto mais olhamos para ela, mais descobrimos a beleza e a profundidade da nossa vocação e missão na Igreja. Maria também pode ser considerada monumento vivo de agradecimento: um obrigado que celebra a glória de Deus.

Um monumento serve antes de tudo para “fazer memória”. Maria é mulher de memória. O Evangelho nô-la apresenta como aquela que «guardava todas estas coisas meditando-as em seu coração» (Lc 2,19). Muitas vezes as realidades que guardava eram incompreensíveis, superavam sua própria capacidade intuitiva. Suscitavam admiração frente ao mistério de um Filho, que ela havia gerado na carne, mas cujo comportamento não podia ser explicado com categorias simplesmente humanas. Desde o primeiro anúncio do Anjo, Maria compreende que, em sua pobreza, só pode “entregar-se” e cantar o *Magnificat*: um canto onde a memória das grandes coisas realizadas por Deus se exprime em reconhecimento e agradecimento. O *Magnificat* sintetiza a identidade mesma de Maria: um louvor perene de gratidão ao Pai pelo que realizou em sua história pessoal e na história, de geração em geração.

«Fazer memória» é uma atitude tipicamente cristã. Jesus mesmo nos deixou a Eucaristia como “memorial” de sua presença em nosso meio. E, no Calvário, nos entregou, como sua memória, a Mãe tão amada. Eucaristia e Maria são aspectos chave da nossa identidade.

Uma primeira dimensão do monumento vivo é, pois, a de ser, como Maria, mulheres de memória. Em uma época em que estamos testemunhando uma profunda perda de memória, tendemos delegar cada vez mais a função de “conservar na memória” às ferramentas tecnológicas. Não duvidamos da importância desses instrumentos, mas eles poderiam nos fazer esquecer a memória do coração, as narrativas de vida, as relações fraternas, o diálogo. Corremos o risco de esquecer também o passado recente, do qual parece-nos não ter aprendido nada, expondo-nos assim a repetir os erros da história. Passamos velozmente de uma experiência a outra, de um episódio a outro, sem conservar e meditar, sem encontrar ligações, ao contrário do que Maria fazia. Mas deste modo perdemos também o sentido dos acontecimentos históricos, das ligações e da solidariedade com as gerações que nos precederam e com aquelas que nos seguirão.

Alguém pode se perguntar: «Porque levantar monumentos?» «Vivamos o momento presente!» Mas o presente sem referências com o passado e sem projeção para o futuro se torna episódico e sem um sentido global.

Como pessoas de fé temos uma história muito rica, capaz de revitalizar o presente porque plena da presença de Deus, fonte de novidade e de esperança. O povo de Israel havia entendido isto e de boa vontade transmitia aos filhos a memória de uma vida guiada por Deus e aberta ao futuro: «O que nós ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais não o esconderemos dos filhos deles, nós o contaremos à geração futura: os louvores de Javé, seu poder e as maravilhas que realizou.[...] Que se levantem e as contem a seus filhos, para que ponham em Deus sua confiança, não se esqueçam dos feitos de Deus» (*Salmo 78, 3-7*).

O Novo Testamento também se propõe entregar a memória viva de Jesus aos discípulos de todos os tempos. Assim lemos na primeira carta de João: «O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida [...] nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco» (*1 Jo 1-3*).

Ser um monumento vivo de gratidão é beber na memória e entregá-la às gerações futuras. Mas não se pode transmitir alguma coisa sem ter feito experiência dela até “ver, ouvir, tocar”. Recordar é *trazer de novo ao coração*. Só se pode fazer subir ao coração o que foi interiorizado no silêncio e na contemplação. Um *monumento* sem esta base de interioridade e de oração permanece frágil: é um monumento sem fundamento. Somos chamadas a ser mulheres de memória *com* Maria e *como* Maria, que tinha posto seu fundamento em Deus. O monumento vivo que é o Instituto, portanto, deve afundar raízes no Evangelho e no carisma.

Todas nós, queridas irmãs, estamos convidadas hoje a sermos *memória de Maria* com a vida, o estilo de relações, a atitude orante, a missão em meio às jovens gerações. Faço votos de que possamos cultivar sempre mais uma vida rica de interioridade, sólida na fé e na esperança, forte no amor, fiel na entrega como nossos Fundadores. Muitas já vivem assim. Sinto a necessidade de agradecer pelos testemunhos que pude ver nos encontros pessoais e em outras formas de comunicação.

Em comunidade com o estilo de Maria

Ser memória viva de Maria requer que estejamos enraizadas na história: história pessoal, do nosso Instituto e de toda a humanidade; exige a sabedoria que sabe descobrir nas dobras desta história o projeto de Deus, a coragem e o frescor do testemunho, a ascese da transparência. Somente assim podemos ser “sinal e expressão do amor de Deus” (cf C art.1). Somos monumento vivo de Maria *Auxiliadora como comunidade*. Dom Bosco quis que o Instituto todo celebrasse as graças dispensadas por esta boa Mãe e fosse o agradecimento a ela nos séculos. Ora, a melhor expressão desse agradecimento é viver hoje o estilo de Maria.

Papa Francisco nos ajuda a descobrir isto hoje. Apresenta-nos Maria como Mãe de ternura, humilde, pobre de coisas e rica de amor. Precisamos de um coração de mãe, acentua o Papa, que saiba guardar e exprimir a ternura de Deus e ouvir a pulsação de cada pessoa: é uma exigência da vida

cristã e, acrescento, da vida consagrada salesiana. Olhando para a Mãe somos encorajadas a deixar tantas coisas inúteis e a reencontrar o que conta: o amor (cf *Homilia*, 1 de janeiro de 2018).

Somente um grande amor pode nos fazer vibrar, dispor-nos à escuta da Palavra, abrir-nos ao sonho de Deus sobre nós e sobre a comunidade: *um sonho de comunhão*. Maria, de fato, é a mãe da comunhão; é aquela que cria a unidade da família humana, cuida de cada um/cada uma de nós sem deixar ninguém para trás e sem descartar ninguém.

É ela que, no início da Igreja, ajuda os Apóstolos a formarem comunidade. Os Atos dos Apóstolos nos apresentam a Igreja das origens como comunidade reunida em oração junto com Maria a Mãe de Jesus (cf *At* 1, 12-14). E é com ela que recebem o Espírito Santo e saem corajosos do Cenáculo para anunciar a “boa notícia” que Jesus ressuscitou! Maria é Mãe do encontro, porque é a Mulher do sim que permitiu o encontro de Deus com a humanidade mediante a encarnação.

A ela, portanto, nos dirigimos para construir as nossas comunidades, harmonizando a unidade na diversidade, como monumento vivo de pedras diferentes e preciosas, mas todas resplendentes da luz de Deus. Maria nos toma pela mão e nos conduz a Jesus. E, visto que, onde está Maria está o Espírito Santo, com Maria as nossas comunidades se tornam *mais espirituais* e, por isso, *mais autenticamente humanas*. O esplendor do humano, queridas irmãs, brilhará em nossas comunidades se vivermos uma vida de profunda interioridade, de oração e de recíproca caridade.

A luz que se difundia da vida de Dom Bosco e de Madre Mazzarello sobre os jovens, mesmo em meio a tantas atividades, era o próprio “permanecer” em Deus.

Muitas vezes somos arrastadas por jornadas frenéticas, por múltiplos compromissos, que nos afligem e nos impedem de dar espaço para Deus. Reservar um tempo oportuno para o encontro diário com Ele é uma urgência e um desejo que percebo em muitas de nossas realidades. É condição de fidelidade, que mantém viva a beleza e a alegria do primeiro encontro, do primeiro sim, de onde começou o nosso caminho de consagradas e onde encontra fecundidade a nossa ação apostólica.

O segredo da vida espiritual – diz o Papa Francisco – é deixar-se encontrar por Jesus e colaborar para que encontrem Jesus. Encontrar-se em Jesus como irmãos e irmãs, jovens e idosos, ajuda-nos a superar a retórica estéril dos “bons tempos passados”, a fazer calar o “aqui nada vai bem”. Desejo a vocês – prossegue o Papa – que reavivem hoje mesmo o encontro com Jesus, caminhando juntos para Ele: isto dará luz aos olhos de vocês e vigor a seus passos (cf *Homilia*, 2 de fevereiro de 2018). São expressões encorajantes e ao mesmo tempo nos fazem refletir muito. Oração e caridade contribuem para o clima espiritual.

Madre Mazzarello lembrava às irmãs: «Minhas boas irmãs, pensem que onde reina a caridade aí está o Paraíso. Jesus se compraz muito em estar junto às filhas que são humildes, obedientes e caridosas; façam de modo que Jesus possa estar de boa vontade em meio a vocês» (*Carta* 49,3). Compreendo que nem sempre é fácil viver as exigências e os desafios que a vida de comunhão nos apresenta. Maria nos ensina a não fugir dos desafios, mas a acolhê-los como oportunidades. Ela, que compartilhou com os Apóstolos, no Cenáculo, esperanças e dificuldades, preocupações e alegrias, ajuda-nos hoje também a tomar nova consciência da necessidade de gestos de humanidade, dos quais percebemos a ausência muitas vezes; de um simples sorriso que abre à confiança; de uma escuta nutrida de silêncio e de amor; de um olhar bondoso, rico de simpatia e sinal de acolhimento sincero; de uma disponibilidade a manter vivo o acolhimento da diferença e da multiculturalidade, presentes também dentro de nossas comunidades.

Às vezes a excessiva idealização da comunidade pode levar a não estarem atentas a cada pessoa em sua especificidade e terem dificuldade para acolher as diferenças. No entanto, é importante nos aceitarmos pelos diferentes dons que temos e por nossas próprias fragilidades. Nas pedras do monumento há também lugar para imperfeições e angulosidades. Se soubermos valorizá-las, elas darão harmonia ao conjunto. Nenhuma pedra seja descartada, porque nenhuma é inútil.

Viver o ideal de comunidade-comunhão, onde se valoriza a riqueza e a reciprocidade das relações sem idealizá-las, quer dizer acolher-se com misericórdia e permitir a todas resplandecer a partir do que cada uma é e pode dar. Esta atitude, enraizada na vida segundo o Espírito, forma o “cimento” que mantém unidas as pedras, permitindo que cada uma expresse sua característica peculiar. Não há uma pedra mais preciosa do que outra. Todas as pedras são igualmente importantes e necessárias pela beleza e a solidez do conjunto.

Além de proclamar a gratidão a Maria, o monumento querido por Dom Bosco é chamado a expressar também o agradecimento recíproco.

Cada irmã é um dom para a comunidade e para o Instituto. Recuperar esta característica de gratidão recíproca exige aquela reconciliação contínua, realizada pelo Espírito de amor, que renova continuamente a comunidade.

Como vivemos estes aspectos em nossa realidade? Percebemos a responsabilidade de sermos hoje, como comunidade, *memória viva* do estilo de vida de Maria, a ser transmitido com alegria às jovens gerações? Esta é a nossa identidade!

De geração em geração

O monumento, que está sempre em construção, será mais completo se incluir também os leigos e os jovens: eles oferecem uma beleza de novidade que abre para o futuro e para a esperança. Sem eles o nosso *Magnificat* de agradecimento a Maria não estaria completo e não teria a beleza que caracteriza o carisma salesiano. Queremos que o nosso monumento seja alegre, simpático, capaz de alimentar os sonhos, melhor, de suscitar a capacidade de sonhar grande.

Podemos ser *monumento vivo* com os jovens se os educarmos no estilo do Sistema Preventivo, o estilo que Maria mesma inspirou a Dom Bosco: “Não com pancadas, mas com a persuasão e a bondade você ganhará esses seus amigos”. O método, portanto, é aquele de prevenir com a razão, a bondade, ajudando os jovens a cultivar grandes desejos, grandes sonhos, grandes ideais. Especialmente fazendo ver isto no testemunho de nossa vida de comunidade educativa. Os jovens formados segundo a espiritualidade mariana do Sistema Preventivo são os mais indicados para “regenerar a sociedade” a partir de dentro.

No CG XXIII eles nos disseram que esperam de nós um olhar bondoso e confiante que os escute, os valorize, acolha, ame e se alegre em estar com eles. Pediram-nos que não tenhamos medo de não entender logo a linguagem deles e seu modo de ser, e de não perdermos a confiança neles quando não os entendemos, mas termos a paciência dos tempos longos.

O monumento vivo é impensável sem os jovens. Eles são as pedras novas, pedras portadoras de sonhos, de cores, de futuro. *Os jovens oferecem o inédito ao monumento*: a modalidade nova para exprimir o rosto mariano hoje. Eles mesmos nos indicam os caminhos para educá-los e para deixá-los educar.

Para que o monumento de agradecimento – formado pelas FMA, leigas/leigos-jovens – possa resplandecer de geração em geração, é necessário que mantenha sua especificidade. Um monumento de gratidão só pode ser formado por corações agradecidos.

Como educadoras, não só devemos formar-nos um coração grato, mas formá-lo nos jovens confiados a nós.

Esta atitude é ainda mais necessária em um tempo em que prevalece às vezes a atitude do *tudo é obrigação*, de um protagonismo exasperado e de individualismo, da violência e do bullying. Educar para a gratidão e a não violência não é para pessoas fracas ou sem personalidade, mas para pessoas fortes no espírito, capazes de se abrirem ao bem, de descobri-lo no presente. Quer dizer educar um coração de filhos, um coração mariano.

Na preparação para o CG XXIII compartilhamos a constatação de que os jovens estão em busca de uma “casa”, ou seja, em busca de pontos de referência, também afetivos, capazes de fazê-los se sentirem estimados, valorizados, especialmente amados e acompanhados no amadurecimento integral. Quanta tristeza enche o coração de jovens que vandalizam espaços e monumentos para ocupar o tempo, porque não há ninguém que se ocupe deles e muitas vezes se sentem insignificantes.

Fazê-los se sentirem parte do *monumento vivo* quer dizer, fazer de tal modo que percebam que pertencem a algo e a alguém, que juntos realizam um grande projeto que lhes trará alegria e felicidade.

Um coração agradecido só pode ser cultivado por quem sabe que recebeu um amor gratuito. A nossa tarefa é justamente esta: fazer os jovens sentirem que são amados, procurados, queridos, preciosos para a nossa própria vida e para a sociedade. Um coração agradecido e não violento é aberto à ternura, à compaixão, à riqueza da diversidade. Quem tem um coração agradecido sabe

aceitar a fraqueza sem julgá-la. A sua autoridade vem do testemunho de vida, da coerência entre as palavras e os atos, da alegria que traz no coração.

Há um campo que sempre encanta os jovens: o campo do voluntariado e o da pertença às diversas Associações de solidariedade, de compromisso, de oração.

Ficando em âmbito salesiano, não são poucos os jovens e as famílias que aderem à ADMA, ao Movimento Juvenil Salesiano, ao VIDES e a outras Associações de voluntariado. Os jovens hoje têm saudades de um mundo limpo, um mundo na medida de pessoa, onde não existem discriminações e cada qual dá sua contribuição numa cadeia de solidariedade de geração em geração.

Um jovem que se abre ao dom de si é um jovem que encontrou o sentido da vida, o próprio lugar na história: na história do grupo do qual faz parte e na mesma sociedade; é *um jovem missionário*. Jovens assim estão prontos a colaborar na construção de um mundo melhor, a oferecer a própria contribuição para construir a civilização do amor. Em minhas visitas a alguns países do mundo, fico impressionada muitas vezes pelo sofrimento de crianças, jovens, mulheres e família inteiras, por causa da violência que aumenta a pobreza deles.

Penso que, para o nosso Instituto, ser monumento vivo seja também um compromisso histórico, em um tempo que precisa de uma renovada aliança entre jovens e adultos, de uma ligação mais vital com a história, de um sentido a dar à vida. O nosso tempo precisa olhar para o futuro com esperança e amor: não podemos desiludir esta exigência!

Concluo, querida irmãs, com este belíssimo convite do Papa Francisco: «Façamos da Mãe a hóspede de nossa cotidianidade, a presença constante em nossa casa, o nosso refúgio seguro. Entreguemos-lhe cada dia. Invoquêmo-la em cada turbulência. E não nos esqueçamos de voltar a ela para agradecer-lhe» (*Homília*, 28 de janeiro de 2018).

De todo o coração lhes desejo um luminoso mês de maio, com a alegria renovada de sermos Filhas de Maria Auxiliadora, “auxiliadoras”, como é ela, entre as jovens e os jovens que nos são confiados.

No dia 24 de maio vocês estarão presentes comigo em Turim e, juntas, agradeceremos ao Senhor pelas grandes coisas que realiza em cada uma de nós, no Instituto, na Família Salesiana e nos corações de tantos jovens. Deus as abençoe,

Roma, 24 de abril de 2018

Af.ma Madre

Ir. Yvonne Reungoat fma.